

Curitiba, 6 de agosto de 2019

NOTA À IMPRENSA

## Julho: custo da cesta diminui em todas as capitais

Em julho de 2019, o custo do conjunto de alimentos essenciais diminuiu em todas as capitais, conforme mostra resultado da Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada mensalmente pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). As quedas mais expressivas ocorreram em Aracaju (-6,04%), Natal (-4,02%), Rio de Janeiro (-3,89%) e Recife (-3,81%).

A capital com a cesta mais cara foi Porto Alegre (R\$ 493,22), seguida por São Paulo (R\$ 493,16), Florianópolis (R\$ 483,20) e Rio de Janeiro (R\$ 479,28). Os menores valores médios foram observados em Aracaju (R\$ 359,95) e Salvador (R\$ 372,25).

Em 12 meses, entre julho de 2018 e o mesmo mês de 2019, todas as cidades acumularam alta, que variou entre 4,37%, em Aracaju, e 16,36% em Florianópolis.

Nos primeiros sete meses de 2019, quase todas os municípios pesquisados acumularam aumento, com destaque para Vitória (15,64%), Recife (11,90%) e João Pessoa (11,69%). A taxa negativa foi registrada em Campo Grande (-0,66%).

Com base na cesta mais cara que, em julho, foi a de Porto Alegre, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em julho de 2019, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria equivaler a **R\$ 4.143, 55**, ou 4,15 vezes o mínimo de R\$ 998,00. Em junho de 2019, o piso mínimo necessário correspondeu a R\$ 4.214,62, ou 4,22 vezes o mínimo vigente. Já em julho de 2018, o valor necessário foi de R\$ 3.674,77, ou 3,85 vezes o salário mínimo, que era de R\$ 954,00.

**TABELA 1**  
**Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos**  
**Custo e variação da cesta básica em 17 capitais**  
**Brasil – julho de 2019**

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação no ano (%)	Variação em 12 meses (%)
Porto Alegre	493,22	-1,04	53,72	108h44m	6,13	13,38
São Paulo	493,16	-1,70	53,71	108h43m	4,61	12,74
Florianópolis	483,20	-2,38	52,63	106h31m	5,54	16,36
Rio de Janeiro	479,28	-3,89	52,20	105h39m	2,68	13,60
Vitória	466,93	-3,79	50,85	102h56m	15,64	14,89
Brasília	449,27	-1,24	48,93	99h02m	3,08	15,10
<b>Curitiba</b>	<b>443,68</b>	<b>-0,64</b>	<b>48,32</b>	<b>97h49m</b>	<b>5,88</b>	<b>13,38</b>
Fortaleza	432,96	-3,51	47,16	95h26m	8,96	14,16
Goiânia	420,55	-0,26	45,80	92h43m	8,15	14,79
Campo Grande	420,07	-1,93	45,75	92h36m	-0,66	13,35
Belo Horizonte	415,03	-3,32	45,20	91h29m	1,55	14,25
Belém	403,35	-1,06	43,93	88h55m	5,50	11,70
João Pessoa	385,58	-3,30	41,99	85h00m	11,69	11,07
Natal	381,27	-4,02	41,53	84h03m	11,68	11,78
Recife	381,10	-3,81	41,51	84h01m	11,90	9,69
Salvador	372,25	-3,25	40,54	82h04m	8,27	15,74
Aracaju	359,95	-6,04	39,20	79h21m	0,33	4,37

Fonte: DIEESE

Obs.: A coleta da cesta básica em São Luís foi interrompida em maio de 2019

## Cesta básica x salário mínimo

Em julho de 2019, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica totalizou 94 horas e 25 minutos, e, em junho, 96 horas e 57 minutos. Em julho de 2018, quando o salário mínimo era de R\$ 954,00, o tempo médio foi de 86 horas e 43 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu, em julho, 46,65% da remuneração para adquirir os produtos. Esse percentual foi inferior ao de junho, quando ficou em 47,90%. Em julho de 2018, quando o salário mínimo valia R\$ 954,00, a compra demandava 42,84% do montante líquido recebido.

## Comportamento dos preços<sup>1</sup>

Entre junho e julho de 2019, houve tendência de diminuição nos preços do feijão, do tomate, da banana e do óleo de soja. Já as cotações do arroz agulhinha e do açúcar aumentaram na maior parte das cidades.

O preço médio do feijão diminuiu em todas as capitais, em julho de 2019. O tipo cariquinha, pesquisado nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, em Belo Horizonte e São Paulo, apresentou variações entre -12,26%, em Aracaju, e -1,53%, em Belém. Já o feijão preto, pesquisado nas capitais do Sul, em Vitória e no Rio de Janeiro, também teve queda em todas as cidades, com taxas entre -8,34%, em Vitória, e -0,18%, em Curitiba. Em 12 meses, o preço médio do grão cariquinha acumulou alta em todas as capitais: as taxas variaram entre 32,56%, em São Paulo, e 86,60%, em Goiânia. As variações acumuladas do tipo preto também foram positivas, mas em patamares menores: entre 13,22%, em Porto Alegre, e 28,78%, em Curitiba. Baixa demanda e oferta em alta reduziram o preço do grão carioca no varejo. No caso do feijão preto, a menor demanda explicou a diminuição de valor.

O preço médio do tomate diminuiu em 16 capitais entre junho e julho. A única alta foi anotada em Goiânia (6,38%). As quedas mais expressivas ocorreram em Natal (-21,17%), Recife (-17,33%) e Vitória (-16,52%). Em 12 meses, todas as capitais apresentaram taxas elevadas, que variaram entre 31,22%, em Goiânia, e 139,71%, em Vitória. As temperaturas mais altas maturaram o tomate e a oferta do fruto aumentou, o que reduziu o preço no varejo.

Houve redução também no preço médio da dúzia da banana em 15 cidades. A pesquisa coleta os tipos prata e nanica e faz uma média ponderada dos preços. As quedas oscilaram entre -14,86%, em Aracaju, e -0,83%, em Belém. O valor da dúzia aumentou em Fortaleza (2,63%) e Goiânia (4,20%). Em 12 meses, o valor subiu em 13 cidades, com destaque para Salvador (31,78%) e Vitória (24,88%). As maiores taxas negativas acumuladas foram as de Aracaju (-16,02%) e Goiânia (-9,33%). Os motivos para a queda de valor da fruta, na maior parte das cidades, foram o fim da entressafra da banana prata, que ampliou a oferta, e, o período de férias, que diminuiu a demanda.

O preço da lata de óleo de soja diminuiu em 14 capitais entre junho e julho. As taxas negativas mais expressivas foram registradas em Goiânia (-4,18%), Vitória (-3,47%) e Salvador (-2,86%). Em Porto Alegre e Natal, o preço médio não variou. O único aumento foi o de Florianópolis (1,35%). Em 12 meses, 10 cidades tiveram queda de preço, com

---

<sup>1</sup> Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

taxas entre -5,74%, em Campo Grande, e -0,27%, em Fortaleza. Em João Pessoa, o valor médio não se alterou. As outras cinco capitais pesquisadas mostraram alta, com destaque para Goiânia (14,62%). A maior oferta de soja nos EUA, devido à melhora climática, e a desvalorização do dólar frente ao real, que reduziu o ritmo das exportações, são alguns dos fatores que explicaram a queda do preço do óleo de soja, no varejo.

O preço do quilo do arroz agulhinha aumentou em 13 cidades. As taxas variaram entre 0,26%, em Fortaleza, e 4,40%, em Florianópolis. Destacam-se as quedas verificadas em São Paulo (-2,05%) e Campo Grande (-1,42%). Em 12 meses, 14 capitais tiveram elevação de preço. Os aumentos mais expressivos foram os de Belém (13,71%), Brasília (11,11%) e Natal (9,78%) e o maior recuo acumulado ocorreu em São Paulo (-4,97%). Apesar do ritmo lento das negociações entre os produtores e a indústria, que manteve baixa a demanda por arroz, os preços subiram em julho, no varejo.

O preço do quilo do açúcar subiu em 11 cidades e as taxas variaram entre 0,44%, em Fortaleza, e 5,96%, em Natal. Em Belo Horizonte, o valor médio não se alterou e, nas outras cinco capitais, houve queda, com destaque para Goiânia (-11,44%). Em 12 meses, as taxas positivas foram observadas em 12 cidades, com variação entre 0,48%, em Aracaju, e 19,46%, em Goiânia. A maior redução acumulada foi registrada em São Paulo (-10,44%). Apesar da alta no varejo, a oferta de açúcar aumentou, uma vez que a cana está em pleno período de safra.

## **CURITIBA**

Em julho de 2019, a Cesta Básica de Curitiba calculada pelo DIEESE apresentou variação de -0,64%, sendo a segunda menor queda entre as dezessete capitais que tiveram redução de preços, passando de R\$ \$ 446,54 para R\$ 443,68. Deste modo, a capital paranaense teve o sétimo maior valor entre as capitais pesquisadas. Em 12 meses (comparação de julho de 2019 com julho de 2019), a variação foi de 13,38% e no ano de 2019 (comparação de julho/2019 com dezembro/2018) teve aumento de 5,88%.

O custo da ração alimentar essencial mínima para uma família curitibana (1 casal e 2 crianças), foi de R\$ 1.331,04 (mil trezentos e trinta e um reais e quatro centavos), sendo necessários 1,33 salários mínimos somente para satisfazer as necessidades do trabalhador e sua família com alimentação no mês de julho de 2019. A cesta básica teve um custo mensal de R\$ 443,68, tendo um custo diário de R\$ 14,79.

Em junho de 2019, o trabalhador curitibano remunerado pelo salário mínimo comprometeu 97 horas e 49 minutos de sua jornada mensal para adquirir os gêneros essenciais, tempo inferior às 98 horas e 26 minutos exigidas em junho de 2019. Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, a relação passou de 48,63% em junho de 2019 para 48,32% em julho de 2019.

No ano, a cesta básica de Curitiba apresenta uma variação de 5,88% sendo a oitava menor variação entre as capitais pesquisadas (ou o nono maior aumento). Na comparação anual (mesmo mês do ano anterior), a cesta básica de Curitiba teve aumento de 13,38%, sendo a oitava menor alta entre as dezoito capitais pesquisadas.

Dos 13 produtos pesquisados, sete registraram queda em julho de 2019 em relação a junho de 2019: a banana (-5,68%), o tomate (-1,38%), a batata (-1,13%), o leite (-0,29%), o óleo de soja (-0,25%), a carne (-0,21%), e o feijão preto (-0,18%). Por outro lado, seis itens tiveram aumento: o café (3,08%), a manteiga (0,95%), a farinha de trigo (0,50%), o açúcar (0,45%), o arroz (0,41%), e o pão (0,10%).

Em 12 meses, praticamente todos os produtos apresentaram aumento, sendo eles: o tomate (95,43%), a batata (92,54%), o feijão preto (28,78%), a manteiga (16,84%), o óleo de soja (4,43%), a farinha de trigo (4,39%), a banana (3,97%), o arroz (3,81%), a carne (2,15%), o pão (1,81%), o açúcar (1,81%), e o café (0,66%). Por outro lado, apenas um item apresentou queda: o leite integral (-12,98%).